

SYLVIA DAY

Rendida

Tradução de
Cláudia Ramos

5 SENTIDOS

1

– Devíamos ir a um bar festejar!

Confesso que em nada me surpreendeu o tom esfuziante do meu melhor amigo, com quem partilhava casa. Cary Taylor arranjava sempre pretextos para festejar, por menores que fossem. E eu sempre achei que isso fazia parte do seu charme.

– Acho que apanhar uma bebedeira na véspera do meu primeiro dia de um novo emprego não é lá muito boa ideia.

– Ora, Eva...

Cary estava sentado no chão da nossa sala, de sorriso radioso, ainda que no meio de uma catrefada de caixotes de mudança. Há dias que andávamos a desempacotar e ele continuava lindo de morrer. Magro mas bem constituído, de cabelo escuro e olhos verdes, Cary era o tipo de homem que raramente se apresentava menos do que *deslumbrante* em qualquer dia da sua jovem vida. E isso poderia deixar-me chateada não fosse ele a coisa mais querida do mundo comigo.

– Quem é que falou em bebedeira? – insistiu ele. – Um ou dois copos de vinho, mais nada. Aproveitamos uma *happy hour* e às oito já estamos em casa.

– Não sei se consigo despachar-me tão cedo – disse eu, apontando para o meu equipamento de ioga. – Quero cronometrar o percurso a pé até ao escritório e depois ainda dou um salto até ao ginásio.

– Andas depressa e exercitas-te mais depressa ainda.

O seu sobrolho desenhando um arco perfeito fez-me rir. Acreditava piamente que aquele *rosto de um milhão de dólares* viria brevemente a

aparecer em *outdoors* e capas de revistas de todo o mundo. Qualquer que fosse a sua expressão, o homem era um arraso.

– E que tal deixarmos isso para amanhã? – sugeri em alternativa. – Se me conseguir aguentar até ao fim do dia, isso sim é motivo de festejo.

– Combinado. E eu vou estrear a nossa cozinha e fazer o jantar.

– Hmm... – cozinhar era uma das grandes alegrias de Cary, mas não um dos seus talentos. – Ótimo.

Soprando uma madeixa de cabelo da cara, sorriu para mim.

– Temos uma cozinha que a maioria dos restaurantes que eu conheço mataria por ter. Não há como estragar uma refeição ali dentro.

Cheia de dúvidas, limitei-me a fazer-lhe um aceno de despedida, optando por evitar qualquer conversa sobre o tema. Ao sair do elevador, e já no rés do chão, sorri ao porteiro que me abriu a porta da rua com uma vénia devolvendo-me o sorriso.

No momento em que saí para a rua, os sons e os cheiros de Manhattan envolveram-me, convidando-me a explorá-los. Não estava apenas no outro extremo do país, a milhas da minha terra natal, San Diego, mas a universos de distância. Duas grandes metrópoles – uma eternamente amena e sensualmente pachorrenta, a outra fervilhando de vida e de energia contagiante. Nos meus sonhos tinha imaginado viver num apartamento meio decadente do Brooklyn, mas como filha extremosa que sempre fui acabei no Upper West Side. Se não fosse o Cary viver comigo sentir-me-ia dolorosamente só, num apartamento cuja renda mensal rondava o que a maioria das pessoas ganhava num ano.

O porteiro bateu na pala do chapéu ao ver-me parada à entrada do prédio.

– Precisa de um táxi, Miss Tramell?

– Não, obrigada, Paul. Vou a pé.

Ele sorriu afavelmente.

– Parece-me que arrefeceu um pouquinho, está agradável para um passeio.

– Aconselharam-me a aproveitar bem o clima de Junho antes de ficar um calor insuportável.

– Um excelente conselho, Miss Tramell.

Ao afastar-me da imensa fachada, moderna e de certo modo desfada da idade real do prédio e dos seus habitantes, desfrutei da calma

relativa da minha rua ladeada de árvores antes de chegar ao frenesim do trânsito da Broadway. Muito em breve esperava ver-me completamente integrada naquele ambiente, mas por enquanto ainda me sentia como uma nova-iorquina fraudulenta. Tinha o apartamento e o emprego, mas ainda me fazia imensa confusão andar de metro e não conseguia fazer parar os táxis. Tentava ao máximo não andar pelas ruas embasbacada e de olhos esbugalhados, mas era difícil. Havia *tanto* para ver e viver...

A diversidade de experiências sensoriais era espantosa – o cheiro do escape dos carros misturado com a comida dos carrinhos, os gritos dos vendedores ambulantes misturados com a música dos artistas de rua, a eterna inspiração de rostos e estilos e sotaques, as assombrosas maravilhas arquitetônicas... E os automóveis. *Meu Deus!* A massa frenética e compacta de carros era algo que eu jamais tinha visto em lado algum.

Havia sempre uma ambulância, um carro-patrolha ou de bombeiros tentando passar pelo meio de filas de táxis amarelos, o som de uma sirene estridente entrando-nos pelos ouvidos. Ficava pasmada perante os gigantes camiões de lixo que conseguiam passar por ruas estreitíssimas e de sentido único, ou com os estafetas de todo o género e que insistiam em passar sinais vermelhos, confrontados com prazos de entregas rigorosíssimos.

Os verdadeiros nova-iorquinos eram imunes a tudo aquilo, sendo o seu amor pela cidade tão confortável quanto o par de sapatos favorito. Não olhavam para o vapor que saía dos respiradouros e ventiladores com expressão romântico-deslumbrada e nem pestanejavam quando o chão vibrava aos seus pés à passagem do metro, enquanto eu dava por mim a sorrir como uma idiota e a encarquilhar os dedos dos pés. Nova Iorque era uma nova e avassaladora paixão para mim. Deixava-me embevecida e isso notava-se.

Daí que tivesse de me esforçar imenso para parecer *cool* enquanto me dirigia ao edifício onde iria começar a trabalhar. Pelo menos no que respeitava ao emprego, eu tinha conseguido. Tinha feito questão de viver segundo o meu próprio mérito, e isso implicava começar por baixo. A começar já amanhã de manhã, ia trabalhar como assistente de Mark Garrity na Water Field & Leaman, uma das mais conceituadas agências de publicidade dos Estados Unidos. O meu padrasto, o magnata Richard Stanton, tinha ficado aborrecido quando eu aceitei o emprego, argumentando que

se fosse menos orgulhosa poderia facilmente trabalhar para um amigo dele e recolher grandes frutos desse tipo de ligação.

– És tão casmurra quanto o teu pai – dissera-me na altura. – Vai levar-lhe toda a vida para pagar o empréstimo que fez para os teus estudos com o seu mísero salário de polícia!

Essa tinha sido aliás uma séria discussão entre mim e o meu pai, com ele a recusar-se a dar o braço a torcer. «Diabos me levem se vou permitir que outro homem que não eu pague os estudos da minha filha!» dissera Victor Reyes quando Stanton se oferecera. Eu respeitei essa opção. E julgo que Stanton também, ainda que jamais o tenha admitido. Entendi ambos os lados, porque eu própria tinha tentado pagar esse empréstimo... sem conseguir. Para o meu pai era um ponto de honra. A minha mãe tinha-se recusado a casar com ele, mas ele jamais tinha falhado nas suas responsabilidades como pai – de todas as maneiras possíveis.

Sabendo que era inútil tentar lutar contra velhas frustrações, decidi então concentrar-me em arranjar um emprego o mais depressa possível.

Optei deliberadamente por cronometrar o meu percurso a pé até ao emprego a uma segunda-feira, um dia sempre complicado, e fiquei muito satisfeita por chegar ao Edifício Crossfire, que acolhia a Waters Field & Leaman, em menos de trinta minutos.

Ergui a cabeça para trás e segui a linha do arranha-céus até ao topo. O Crossfire era realmente impressionante, de linhas elegantes e terminando num resplandecente pináculo cor de safira que perfurava os céus. Eu sabia, das visitas prévias às entrevistas, que o interior para lá das portas giratórias com caixilhos em cobre era igualmente sumptuoso e arrebatador, com o chão e as paredes em mármore de veio dourado e os torniquetes e balcões da segurança em alumínio baço.

Saquei do bolso das calças o meu novo cartão de identificação e mostrei-o aos dois seguranças ao balcão, muito sérios e vestidos de preto.

Ainda assim retiveram-me, sem dúvida devido ao meu aspeto pouco cuidado, mas não tiveram outro remédio senão deixar-me passar. Depois da escalada de elevador até ao vigésimo andar, tinha ainda de percorrer um longuíssimo corredor com portas de ambos os lados. Uma canseira.

Dirigia-me para a área de elevadores quando uma morena esbelta e maravilhosamente vestida ficou com a carteira presa no torniquete, que se abriu e fez rolar pelo chão de mármore uma série de moedas. Reparei

que as pessoas na recepção se limitaram a desviar-se, seguindo o seu caminho como se não fosse nada com elas. Aproximei-me da rapariga com um sorriso simpático e baixei-me para a ajudar a recolher as moedas, tal como se apressou a fazer um dos seguranças.

– Obrigada – disse ela, dirigindo-me um sorriso breve e apreensivo.

Eu sorri-lhe de volta.

– De nada. Também já me aconteceu.

Tinha-me baixado para apanhar uma moeda que rolara para perto da porta quando esbarrei com um par de sapatos Oxford, pretos e reluzentes, semiocultos pela bainha de umas calças de excelente corte. Esperei um segundo que o homem saísse do caminho e como ele não o fez ergui a cabeça para olhar para ele. O elegantíssimo fato preto de três peças deixou-me impressionada, mas não tanto quanto o corpo esbelto e musculado que o vestia. Ainda assim, foi apenas quando os meus olhos lhe encontraram o rosto que eu fiquei *oficialmente* embasbacada.

Uau... Uau mesmo!

Com um gesto elegante, acorrou-se diretamente à frente dos meus olhos. Atingida por aquela masculinidade sofisticada, apenas consegui olhá-lo fixamente. Atordoada.

Até que qualquer coisa eletrizou literalmente o ar entre nós.

Ao olhar-me, também fixamente, a expressão dele alterou-se... como se um qualquer escudo se lhe afastasse do olhar revelando uma energia abrasadora que me sugou o ar dos pulmões. O magnetismo intenso que ele irradiava foi crescendo, tornando-se numa sensação quase palpável de poder, arrebatador e implacável.

Reagindo puramente por instinto, cheguei-me para trás... e caí de rabo no chão.

Os meus cotovelos embateram violentamente contra o chão de mármore, mas mal me apercebi da dor. Estava demasiado compenetrada a fixá-lo, literalmente enfeitiçada pelo homem à minha frente. Cabelo negro emoldurando umas feições de cortar a respiração. A estrutura óssea do rosto faria um escultor chorar de felicidade, a boca de contornos perfeitos, o nariz proporcional e retilíneo e uns olhos de um azul intenso que lhe davam um ar sensualmente selvagem.

Tanto o casaco como a camisa eram pretos, mas a gravata condizia com o maravilhoso tom dos olhos – que agora me avaliavam, astuta e

intensamente. O meu coração acelerou; os lábios afastaram-se para permitir a entrada de ar. Ele cheirava maravilhosamente... Não a colónia, a gel de banho, talvez. Ou a champô. Fosse o que fosse era de fazer crescer água na boca.

Estendeu-me a mão, exibindo uns botões de punho de ouro e ónix e um relógio de aspeto caríssimo.

Respirei fundo e pus a mão na dele. Senti o pulso acelerar ao sentir-lhe o aperto. Quando me tocou, uma energia eletrizante percorreu-me o braço e deixou-me com pele de galinha. Por um momento ele não se mexeu e uma ruga ténue encheu o espaço entre as sobrancelhas levemente arrogantes.

– Magoou-se?

A voz era suave e refinada, com uma ligeira rouquidão que me provocou borboletas no estômago. Soava a sexo. A sexo *fabuloso*. Por um segundo achei que ele me faria atingir o orgasmo apenas com a voz.

Tinha os lábios ressequidíssimos e tive de os humedecer antes de falar.

– Não, estou ótima.

Ergueu-se com extrema elegância, levantando-me com ele. Mantivemos o contacto visual – e isto porque eu me vi absolutamente incapacitada de o desviar. Ele era bem mais novo do que parecera à primeira vista. Menos de trinta seria o meu palpite, mas aqueles olhos tinham tanto mundo... Duros e inteligentes.

Senti como que uma força estranha que me atraía para ele, como se uma corda me envolvesse a cintura e ele a estivesse a puxar para si, lenta e implacavelmente.

Esforzando-me por desfazer o ar aparvalhado, soltei-lhe a mão. Ele não era apenas bonito, era... fascinante. O tipo de homem que fazia uma mulher querer arrancar-lhe a camisa e ver os botões saltarem juntamente com as inibições.

Observei-o no seu fato citadino, requintado e obscenamente caro, e veio-me de imediato à cabeça uma queca selvagem, animalesca e de rasgar os lençóis.

Ele baixou-se para me apanhar o cartão de identificação – que eu nem me apercebera de ter deixado cair –, libertando-me daquele olhar provocante. O meu cérebro regressou ao modo normal.

Irritou-me parecer tão parvinha e embaçada, enquanto ele se mantinha absolutamente controlado e impassível. E porquê? Porque fiquei atordoada, porra!

Ergueu o olhar para mim, e aquela postura – praticamente ajoelhado aos meus pés – voltou a perturbar-me o equilíbrio. Manteve o olhar fixo em mim ao levantar-se.

– De certeza que está bem? Talvez seja melhor sentar-se um bocadinho.

Corei como um tomate. Que maravilha, eu ali tão ridícula e desengonçada perante o homem mais bonito que jamais vira...

– Não é preciso, desequilibrei-me, foi só isso.

Afastei o olhar e vi a mulher que espalhara a carteira a olhar para mim. Agradeceu ao segurança que a ajudou; depois, dirigiu-se a mim com uma expressão profundamente grata. Estendi-lhe o punhado de moedas que recolhera do chão, mas o olhar dela fixou-se no *bonitão do fato*, esquecendo-me de imediato. Recompus-me e lancei uma olhadela ao homem, apercebendo-me que não tirava os olhos de mim à medida que a morena lhe balbuciava obrigados delicados. *A ele*. Não a mim, claro, quem efetivamente a ajudou.

Resolvi interferir, ignorando-a.

– Dá-me o meu cartão, por favor?

Ele devolveu-mo e ainda que eu me esforçasse por recebê-lo sem lhe tocar, os seus dedos roçaram os meus, enviando-me novamente aquela poderosa descarga elétrica pelo corpo todo.

– Obrigada – murmurei, antes de voltar costas e dirigir-me apressadamente para a porta da rua.

Parei no passeio, inspirando profundamente uma golfada do ar de Nova Iorque, plena de milhões de odores diferentes, uns agradáveis, outros tóxicos.

Vi um Bentley SUV preto parado em frente ao edifício e vi o meu próprio reflexo nos vidros imaculados do automóvel. Estava corada e com os meus olhos cinzentos muito brilhantes. Já tinha visto antes esta expressão – no espelho da casa de banho, imediatamente antes de ir para a cama com um homem. Era o meu look *estou-pronta-para-foder* que não tinha nada que ter aparecido agora.

Céus, recompõe-te!

Bastaram cinco minutos com o Sr. Moreno & Perigoso para me sentir acometida de uma energia tensa e nervosa. Ainda conseguia sentir aquela força invisível a puxar-me para junto dele e fiquei com uma vontade doida de voltar lá para dentro, onde ele estava. Podia vir com o pretexto de não ter chegado a fazer o que me levava ali, mas sabia que haveria de me esbofetear por isso mais tarde. Quantas vezes no mesmo dia estaria eu disposta a fazer figura de parva?

– *Já chega, ordenei-me. Vai à tua vida.*

Ouviram-se buzinas furiosas quando um táxi se cruzou à frente de outro, seguidas de um guinchar de travões, enquanto os peões corriam a atravessar a rua antes que o semáforo mudasse. Seguiu-se uma berraria medonha, uma explosão de insultos e gestos feios que na realidade não continham grande raiva. Segundos depois todas as partes envolvidas se esqueceriam do episódio, que não passava de uma mera batida no ritmo natural da cidade.

Envolvida no tráfego pedestre da cidade, e já a caminho do ginásio, desenhou-se-me um sorriso nos lábios. *Ah, Nova Iorque*, pensei, sentindo-me novamente revigorada. *És fabulosa!*

Tinha pensado fazer um bocado de passadeira e depois passar para as máquinas, mas quando vi uma aula de kickboxing prestes a começar resolvi juntar-me ao grupo de alunos e experimentar algo novo. Assim que a aula acabou senti-me muito mais eu. Tinha os músculos doridos com a dose certa de cansaço e sabia que iria dormir muito melhor nessa noite.

– Esteve lindamente.

Limpei a transpiração do rosto com uma toalha e olhei para o jovem que se me dirigia. Com um corpo lindo e musculado, tinha olhos castanhos muito vivos e um tom de pele café com leite. Tinha a cabeça rapada mas, em contrapartida, do seu rosto sobressaíam umas pestanas longas de fazer inveja.

– Obrigada. Mas viu-se bem que foi a minha primeira vez, não?

Ele riu-se e estendeu-me a mão.

– Parker Smith.

– Eva Tramell.

– Tem uma graça natural, Eva. Com um pouco de treino virava uma craque... E numa cidade como Nova Iorque, a autodefesa é fundamental.

Apontou para um quadro de cortiça na parede, coberto de anúncios, cartões e panfletos, e retirou dele um cartão que me estendeu.

– Já ouviu falar no *Krav Maga*¹?

– Num filme com a Jennifer Lopez, sim.

– Sou professor e adorava dar-lhe aulas. Está aí o meu site e o contacto do estúdio.

Admirei-lhe a abordagem. Direta, tal como o olhar, e com um sorriso genuíno. Fiquei em dúvida se estaria ou não a tentar engatar-me.

Parker cruzou os braços, exibindo uns bíceps musculados. Usava uma *T-shirt* preta sem mangas e calções compridos. Os ténis *Converse* tinham um aspeto confortavelmente usado e viam-se algumas tatuagens tribais a espreitar por baixo da gola da camisola.

– No *site* tem os horários, mas pode aparecer quando quiser para fazer uma aula e ver se gosta.

– Vou pensar nisso muito a sério.

– Ótimo – estendeu-me novamente a mão e senti-lhe o aperto firme e confiante. – Espero mesmo vê-la por lá.

O apartamento cheirava maravilhosamente assim que entrei e ouvia-se *Chasing pavements* na batida soul de Adele em fundo. Olhei através da sala em *open space* e vi o Cary na cozinha a bambolear-se ao som da música enquanto mexia qualquer coisa ao fogão. Havia uma garrafa de vinho no balcão e dois copos de balão, um deles com tinto.

– Olá! – disse eu chegando-me a ele. – Que estás a fazer? E tenho tempo para um duche rápido?

Ele serviu-me de vinho e estendeu-me o copo com movimentos experientemente elegantes. Ninguém diria, ao olhar para ele, que tinha passado a infância deambulando da casa de uma mãe toxicodependente para as mais variadas famílias de acolhimento, seguindo-se uma adolescência em casas de correção e centros de recuperação estatais.

– *Noodles à Cary*. E esquece o duche, o jantar está pronto. Divertiste-te?

– Assim que cheguei ao ginásio, sim.

¹ Arte marcial de origem israelita. Consiste num método de combate corporal assertivo e eficaz, e é considerado atualmente o método de autodefesa mais eficiente do mundo. (N. T.)

Puxei de um banco de madeira e sentei-me. Falei-lhe da aula de *kick-boxing* e de Parker Smith.

– Alinhas em vir comigo?

– *Krav Maga*? – Cary abanou a cabeça. – Isso é do piorio. Acabava todo partido e provavelmente desempregado. Mas vou contigo assistir a uma aula, não vá esse gajo ser tarado.

Fiquei a vê-lo deitar a massa para um escorredor.

– Tarado...?

O meu pai ensinara-me a avaliar os homens, razão pela qual eu sabia que o tipo do fato significava sarilhos. As pessoas *normais* ofereciam um sorriso de circunstância a alguém que ajudavam, nem que fosse para estabelecer uma ligação momentânea de pura cortesia.

Por outro lado... eu também não lhe tinha sorriso.

– Bebé – disse Cary, procurando uma tigela no armário –, tu és uma mulher linda e sensual, uma brasa de cair prò lado. Duvido muito de um homem que não tenha tomates para te convidar diretamente para sair.

Eu franzi-lhe o nariz.

Ele colocou uma tigela grande à minha frente. Continha um fume-gante monte de *noodles* muito cozidos e pouco mais de duas colheradas de um molho de tomate com pedaços de salsicha e ervilhas.

– Estás com alguma na forja... Conta lá – disse-me.

Peguei no cabo da colher na tigela e servi-me, decidindo não fazer comentários à comida.

– Acho que esta manhã esbarrei no homem mais tesudo à face da Terra. Ou mesmo o homem mais tesudo da história da humanidade.

– Hã? Pensei que esse fosse eu... Desenvolve.

Cary manteve-se do lado de lá da bancada, preferindo comer em pé.

Vi-o comer uma garfada da sua brilhante mixórdia antes de eu própria arranjar coragem para a provar.

– Não há muito a dizer. Acabei estatelada de cu no chão no átrio do Crossfire e ele ajudou-me a levantar.

– Alto ou baixo? Loiro ou moreno? Magro ou atlético? Cor dos olhos?

Empurrei a minha segunda garfada com um gole de vinho.

– Alto. Moreno. Magro e atlético. Olhos azuis. Podre de rico, a julgar pela roupa e acessórios. E obscenamente *sexy*. Sabes como é, há gajos

lindos que não nos deixam com as hormonas aos saltos, enquanto outros mais insignificantes transpiram sexo por todos os poros... Pois bem, este tipo tinha *tudo*!

Senti um arrepio na boca do estômago, o mesmo que tive quando o Moreno & Perigoso me tocou. Dei por mim a recordar com impressionante clareza aquele rosto de cortar a respiração. Devia ser proibido um homem ser assim tão arrebatador. Eu ainda estava a recuperar da fritura no cérebro.

Cary apoiou os cotovelos na bancada e observou-me com ar interessadíssimo.

– E o que é que aconteceu depois de ele te ter ajudado?

Encolhi os ombros.

– Nada.

– Nada?

– Vim-me embora.

– O quê?! Não o namoriscaste?

Dei outra garfada. Por acaso a carne até nem estava má. Ou então era eu que estava esfomeada.

– Não era o tipo de homem suscetível de ser namoriscado, Cary.

– Isso não existe. Até os gajos casados e felizes gostam de ser namoriscados de vez em quando, mesmo inocentemente...

– Este gajo tinha muito pouco de inocente – disse eu.

– Ah, era desses... – Cary assentiu compreensivamente. – Mas sabes que os maus rapazes até podem ser divertidos, desde que não te aproximem demasiado.

Falava a voz da experiência, é claro. Cary tinha homens e mulheres de todas as idades a caírem-lhe aos pés praticamente todos os dias. E, ainda assim, conseguia *sempre* escolher a pessoa errada. Já tinha andado com perseguidores, adúlteros, amantes que ameaçavam matar-se por causa dele e amantes com os seus próprios amantes, dos quais ele desconhecia... Era só dizer, ele já lá tinha estado.

– E não o estou a ver ser *divertido* – insisti. – Era demasiado intenso. Mesmo assim, aposto que deve ser o máximo na cama, com aquela intensidade toda...

– Ora, assim é que é falar! Esquece lá a verdadeira personalidade do homem. Lembra-te da cara dele nas tuas fantasias e torna-o perfeito *aí*.

Doida por apagar definitivamente o homem da minha cabeça, apressei-me a mudar de assunto.

– Tens *castings* para amanhã?

– Claro.

Cary tratou de me pôr a par dos pormenores dos seus inúmeros *castings*, referindo anúncios a uns *jeans*, um autobronzeador, um perfume e roupa interior.

Varri aquilo tudo da cabeça e centrei-me nele e no seu crescente sucesso. A procura por Cary Taylor aumentava a cada dia e já tinha uma sólida reputação entre os fotógrafos e os clientes, sobretudo pela prestabilidade e profissionalismo. Eu andava radiante por ele e tão orgulhosa... Tinha passado por muito e percorrido uma longa estrada.

Só no fim do jantar é que reparei em duas grandes caixas em papel de embrulho deixadas ao lado do sofá.

– O que é aquilo?

– Aquilo – disse Cary, seguindo-me até à sala – é a última das maravilhas!

Percebi logo que só podiam ter vindo do Stanton e da minha mãe. Dinheiro era algo que a minha mãe precisava para ser feliz e a mim agradava-me imenso que o Stanton, marido número três, pudesse proporcionar-lhe essa alegria – além de muitas outras. Muitas vezes desejei que não fosse tanto assim, mas a minha mãe tinha uma certa dificuldade em aceitar o facto de eu não encarar o dinheiro do mesmo modo que ela.

– O que é agora?

Ele envolveu-me os ombros com ternura, fazendo-me lembrar que tinha quase mais treze centímetros do que eu.

– Não sejas ingrata, bebé. Ele adora a tua mãe. Adora estragar a tua mãe e a tua mãe adora estragar-te a ti. Por mais que não te agrade, ele não faz isto por ti, mas por ela.

Concordei, com um suspiro resignado.

– E o que é, afinal?

– Os nosso belos trajas para o jantar de angariação de fundos da *Advocacy Center*², no próximo sábado. Um vestido de arrasar para ti e um

² Organização sem fins lucrativos com delegações espalhadas por todos os Estados Unidos, que defende os direitos das crianças desfavorecidas. (N. T.)

smoking Brioni para mim, visto que comprar-me presentes, isso sim, é o que ele faz *por ti*. E tu ficas mais tolerante se me tiveres ao teu lado para ouvir as tuas queixas.

– Podes crer. E graças a Deus que ele sabe disso.

– Claro que sabe. O Stanton não seria *trilionário* se não soubesse tudo.

Cary pegou-me na mão e puxou-me.

– Anda daí, vem lá ver...

Na manhã seguinte empurrei a porta giratória do Crossfire e entrei no átrio precisamente às dez para as nove. Querendo deixar a melhor impressão possível no meu primeiro dia, optei por usar um simples vestido tubo e umas *pumps* pretas – que me apressei a trocar pelos sapatos rasos que trazia assim que entrei no elevador. Tinha o cabelo loiro preso num *chignon* artístico em forma de oito – cortesia do Cary. Eu era absolutamente inepta no que dizia respeito a cabelos, mas ele conseguia criar penteados que eram verdadeiras obras de arte. Usava os brincos de pérola que o meu pai me ofereceu quando me formei e o Rolex – cortesia do Stanton e da minha mãe.

De início achei que tinha exagerado um pouco na maquilhagem, e mesmo na aparência em geral, mas assim que entrei no átrio lembrei-me do meu estatelar no chão de mármore em traje de ginásio e acabei por me sentir grata por não me parecer *em nada* com aquela rapariga desengraçada. Os dois seguranças não pareceram sequer reconhecer-me quando lhes espetei com o meu cartão de identificação na cara.

Vinte andares depois, saía para o átrio da Waters Field & Leaman. À minha frente, uma gigantesca porta de vidro à prova de bala dava acesso à zona da receção. A rececionista sentada a uma secretária em forma de meia-lua olhou para o cartão que lhe mostrei através do vidro e carregou num botão que fez abrir a porta.

– Bom dia, Megumi – cumprimentei-a assim que entrei, admirando-lhe a blusa cor de mirtilo.

Megumi era mestiça, sem dúvida de ascendência asiática, e muito bonita. Tinha o cabelo negro e espesso, num corte à rapaz, curto atrás e rapado à navalha à frente. Tinha olhos quentes, castanho-amêndoa, e os lábios cheios e naturalmente rosados.

– Olá, Eva! O Mark ainda não chegou, mas você sabe o caminho, certo?

– Claro!

Despedi-me com um aceno, segui pelo corredor da esquerda, percorri-o até ao fim, voltei de novo à esquerda e fui dar a um outrora *open space* agora dividido em vários compartimentos, um deles o meu, para onde entrei diretamente.

Larguei a carteira e o saco com os sapatos rasos no fundo da minha secretária, um modelo utilitário de metal, e liguei o computador. Trouxera de casa umas coisinhas para personalizar o meu espaço e tirei-as do saco: uma moldura com uma colagem de três fotos – eu e o Cary em Coronado Beach, a minha mãe e o Stanton na Riviera Francesa a bordo do iate dele, e o meu pai, no carro-patrolha, em Oceanside, na Califórnia. O meu outro pertence era um colorido arranjo de flores de vidro que o Cary me oferecera nessa manhã como «presente de primeiro dia». Encostei-o à moldura e recostei-me para trás na cadeira para ver o efeito.

– Bom dia, Eva.

Ergui o olhar para o meu chefe.

– Bom dia, Mr. Garrity.

– Trate-me por Mark, por favor. Pode vir ao meu gabinete?

Segui-o pelo corredor, pensando uma vez mais que o meu novo patrão era bastante agradável à vista. De pele escura e brilhante, uma barbicha impecavelmente aparada e um belo par de risonhos olhos castanhos, Mark tinha ainda um maxilar forte, quadrado, e um sorriso atraentemente malévolo. Era elegante e bem cuidado e tinha uma pose determinada que inspirava respeito e confiança.

Apontou-me uma das cadeiras em frente à sua secretária cromada e de tampo de vidro e esperou que eu me sentasse para se instalar na sua elegantíssima cadeira Aeron. Com o céu e os arranha-céus como fundo, Mark tinha um ar poderoso e bem-sucedido. No fundo não passava de um gestor de clientes e o seu escritório era um armário comparado com os ocupados pelos executivos e diretores, mas a vista atrás dele era deslumbrante.

Ele recostou-se e sorriu-me.

– E então? Já está devidamente instalada no apartamento novo?

Espantou-me que ele se lembrasse, mas agradou-me imenso. Conhecera-o na minha segunda entrevista e tinha gostado imediatamente dele.

– A parte pior já está – respondi. – Faltam só umas caixas com tralha.
– Mudou-se de San Diego, certo? Cidade simpática, mas bem diferente de Nova Iorque. Tem saudades das palmeiras?

– Tenho saudades do ar seco. Leva algum tempo a habituarmo-nos a esta humidade.

– Espere só até chegar o verão – disse, sorrindo novamente. – Muito bem, é o seu primeiro dia como minha assistente, por isso vamos ter de deixar as coisas correrem por si. Não estou habituado a delegar funções, mas de certeza que depressa lhe apanho o jeito.

Senti-me imediatamente à vontade.

– E eu estou ansiosa por assumi-las.

– Tê-la como minha assistente é um descanso para mim, Eva. E gostaria muito que fosse feliz a trabalhar aqui... Bebe café?

– O café é um dos meus alimentos preferidos.

– Ah, uma assistente que é cá das minhas! – O sorriso alargou-se-lhe.

– Descanse, não a vou mandar buscar-me um café, mas não me importava nada que me ajudasse a lidar com a máquina nova da sala de convívio.

– Mas é claro – disse eu, com um sorriso idêntico ao dele.

– Que pena eu não ter assim nada de mais importante para lhe pedir...

– esfregou a nuca com ar embaraçado. – Já sei. Que tal dar-lhe a conhecer as contas que tenho em mãos e começarmos a partir daí?

O resto do dia passou a correr. O Mark teve duas ou três conversas telefónicas com clientes, seguindo-se uma longa reunião com a equipa criativa para debaterem ideias para uma escola profissional. Era um processo fascinante assistir em primeira mão ao modo como os vários departamentos iam passando o testemunho uns aos outros, quais corredores de uma maratona, por forma a criarem uma campanha, desde a viabilidade até à execução. Podia ter saído um pouco mais tarde para ficar com uma melhor noção do trabalho da agência, mas o meu telefone tocou às dez para as cinco.

– Gabinete de Mark Garrity, fala a Eva.

– Mexe-me esse cu e vem para casa para irmos tomar o tal copo que me sugeriste ontem.

O tom de gozo de Cary fez-me sorrir.

– OK, OK, estou a ir.

Desliguei o computador e pirei-me. Quando cheguei aos elevadores, saquei do telemóvel para mandar um *vou a caminho* ao Cary quando ouvi soar o alerta do elevador a chegar. Dirigi-me a ele, conseguindo ao mesmo tempo premir o *Enviar*. Quando as portas se abriram dei um passo em frente, meio distraidamente, e quando ergui o olhar para ver onde punha os pés, um par de olhos azuis prendeu-se aos meus. Falhou-se-me o coração.

O *deus sexual* era o único ocupante do elevador.